

Resumo: O teólogo galego Andrés Torres Queiruga tem merecido o devido destaque por intentar formular uma teologia contextualizada e libertadora que toma como ponto de partida a secularização e a Modernidade. Um de seus temas prediletos é a questão do mal. Este artigo pretende, de forma panorâmica, apresentar suas ideias sobre o tema. Palavras-chave: Mal, Deus, teologia.

## **Introdução**

Abordar um tema tão complexo não deixa de ser uma tarefa difícil pelo tanto que já se escreveu sobre o tema na história cristã, diversas propostas tendo sido apresentadas. A filosofia apontou seus pressupostos para compreender a problemática. A matéria que remete ao assunto, *teodiceia*,<sup>2</sup> formulou várias respostas, contendo deficiências e possibilidades pertinentes para uma determinada época. Com Andrés Torres Queiruga<sup>3</sup> não é diferente. É mais uma teodiceia. Em um novo contexto, agora a Modernidade, o teólogo galego quer apresentar algumas considerações para o problema do mal a uma consciência impregnada pelos valores e tendências da Modernidade.

Com uma teologia comprometida com os paradigmas da Modernidade (subjetividade, autonomia, racionalismo), Torres Queiruga traça uma trilha teológica que passa por uma nova imagem de Deus, desvencilhando aquela velha maneira de ver um Deus rival do ser humano, daí a sua tese de que Deus se revela na realização humana e a verdadeira imagem de Deus é aquela que Jesus de Nazaré nos apresenta, o *Abbá*; uma profunda compreensão da criação, onde Deus não tem de vir ao mundo porque já está desde sempre em sua raiz mais profunda e originária; não tem de intervir, pois é sua própria ação que está sustentando e promovendo tudo. Deus não acode e intervém quando é chamado porque é ele quem, desde sempre, está convocando e solicitando nossa colaboração. Além disso, há a postura respeitosa e teológica diante das diversas tradições religiosas e, particularmente, o problema do mal, a que nosso autor se dedica em quase todos os seus textos.

Especificamente, é dentro da problemática do mal que intentamos analisar as reflexões de Torres Queiruga, sua proposta e metodologia.

1 Teólogo. Pastor da Igreja Batista Memorial, em Iporanga, São Paulo. Professor de Filosofia no Ensino Médio. E-mail: [pralgoncalves@yahoo.com.br](mailto:pralgoncalves@yahoo.com.br). Blog COMPARTILHANDO: <[www.wibmi.blogspot.com](http://www.wibmi.blogspot.com)>.

2 Uma tentativa de responder ao problema do mal no mundo de forma lógica e “defender” que Deus é ao mesmo tempo onipotente, infinito em amor e justo, mesmo com a realidade do mal no mundo.

3 Sacerdote católico espanhol, teólogo e professor na Universidade de Santiago de Compostela. Proficuo escritor, um dos pensadores mais requintados da atualidade.

## As possíveis teodiceias

Em termos gerais, a problemática do mal sempre esteve nos discursos teológico e filosófico. No campo filosófico, Epicuro já alertava para o grande dilema:

Ou Deus quer tirar o mal do mundo, mas não pode; ou pode, mas não quer tirá-lo; ou não pode nem quer; ou pode e quer. Se quer e não pode, é impotente; se pode e não quer, não nos ama; se não quer nem pode, não é o Deus bom, e, além do mais, é impotente; se pode e quer – e esta é a única alternativa que, como Deus, lhe diz respeito – de onde vem, então, o mal real e por que não o elimina de uma vez por todas?

O tema foi abordado de maneira sistemática por Leibniz,<sup>4</sup> filósofo de que nosso autor reexamina a obra fazendo uso de sua metodologia. O filósofo alemão faz uma profunda reflexão sobre o mal, na qual distingue mal metafísico (algo que consiste na imperfeição), mal físico (a questão do sofrimento) e mal moral (o pecado).

No campo teológico, o mal ganhou diversas mediações. Dentro de cada perspectiva e de um contexto histórico, filosófico e teológico, autores como Santo Agostinho, por exemplo, formularam a doutrina do *pecado original*, para a qual, a propósito, nosso autor solicita uma profunda revisão de suas bases racionais.

As propostas variam: a mais antiga é aquela que coloca em Deus a culpa pelo mal.<sup>5</sup> Deus passa a ser considerado responsável direta ou indiretamente pelo mal, pois não pôde ou não quis impedir-lhe a existência. A primeira é de “acusação”, a segunda é de “defesa”. Deus não pode ser considerado responsável pelo mal, nem por sua origem, nem por sua conservação, a não ser por “permissão” para proteger a liberdade humana. Outra postura é apelar para o “mistério”, e aí nenhuma formulação teórica cabe.

A questão esteve ligada por muito tempo a Deus com sua onipotência e sua bondade ao mesmo tempo. Como alegar um Deus onipotente que não consegue nos livrar do mal? E se de fato é possível, por que não o faz, ele não seria bondoso o suficiente? As condições da discussão giram em torno da relação Deus-mundo. Na Idade Média, com sua cosmovisão religiosa, um discurso fatalista e determinista caía bem. Agora, na Modernidade as coisas não são bem assim. O indivíduo se tornou autônomo, os pressupostos são racionais, a subjetividade é característica marcante, a tecnologia possibilitou a leitura do mundo natural e, como consequência, a sua dominação. Nesta nova perspectiva, algumas “explicações” não são mais concebíveis para os acontecimentos no mundo: “O processo cultural pôs em evidência que todo o mal concreto remete a uma causa mundana”.<sup>6</sup> Não há mais ocasião para aqueles recursos explicativos que atribuíam os infortúnios do mundo aos “demônios”, à “permissão” de Deus, ao “pecado original”. As bases que sustentavam tais ideias ruíram em catástrofes e tragédias, como as que a Segunda Guerra Mundial produziu: o horror do Holocausto, o sofrimento e a dor de Auschwitz.

## A proposta de Torres Queiruga: a ponerologia

Valendo-se da palavra grega *ponerós* (mal), Torres Queiruga introduz o conceito de *ponerologia*. Uma tentativa de tratar o problema do mal em e por si mesmo, sendo um problema anterior a qualquer questão religiosa. Um problema humano,

4 Outros filósofos e suas ideias sobre o tema: Nietzsche e Kant.

5 GESCHÉ, Adolphe. O mal. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 14-18. (Coleção Deus para Pensar, n. 1.)

6 QUEIRUGA, Andrés Torres. Esperança apesar do mal. Trad. Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 133. (Coleção Algo a Dizer.)

pois afeta a todos sem distinção religiosa.<sup>7</sup> Para formular argumentos críveis, Torres Queiruga se vale da metodologia e reflexão de Leibniz com seu “mal metafísico”. Olhando o problema não mais pela ótica de Deus, mas agora por uma ótica secularizada. Com perspicácia, Torres Queiruga quer atualizar algumas intuições de Leibniz e ao mesmo tempo se livrar de algumas amarras para tornar compatível o problema para a mentalidade atual.<sup>8</sup>

“A própria finitude é o mal primigênio, inevitável.”<sup>9</sup> Com essa assertiva, Torres Queiruga quer tratar o assunto como algo inevitável no mundo. O mal, portanto, encontra sua origem não numa realidade exterior ao mundo, mas na limitação e na finitude do mundo. Por causa de sua limitação, o mundo se apresenta como condição de possibilidade que torna inevitável a existência do mal. A finitude implica imperfeição, e o que sofre de imperfeição é passível do mal, pois está em processo de construção. O mundo em si é bom, mas como não é perfeito e acabado logo é afetado pelo mal. O mal aparece, então, como uma realidade inevitável. Se existe mundo, a presença do mal é possível, pois em qualquer realidade finita e limitada o mal é uma possibilidade: “A finitude tem, por força, as portas e janelas abertas para a irrupção do fracasso, da disfunção e da tragédia: do mal”.<sup>10</sup> Somente no ser que é *infinito* e sem limitação, no caso Deus, é pensável a total ausência de mal.

Dito isso, convém lembrar que Torres Queiruga não torna inerente finitude-mal. “A finitude não é o mal. É tão somente sua condição de possibilidade: condição que torna inevitável sua aparição.”<sup>11</sup> Por que, então, Deus criaria um mundo onde a possibilidade do mal seria inevitável? Queiruga não sai em defesa de Deus, muito menos o acusa. É algo consequente: “Se Deus cria, não pode criar-se a si próprio: tem de criar um mundo finito. Mas, se o mundo é finito, comporta necessariamente o mal”.<sup>12</sup> Não entrando no tema da criação em Queiruga, até porque não é o objetivo aqui, o fato inquestionável é que Deus não poderia criar um mundo perfeito assim como ele é perfeito. Se criasse um mundo perfeito como ele, esse mundo seria o próprio Deus prolongado, daí a sua imperfeição.<sup>13</sup> Portanto, “o mal não é um problema de Deus, mas da criatura”.<sup>14</sup>

## Deus está do nosso lado e contra o mal

A preocupação de Torres Queiruga é formular uma nova imagem de Deus. A sua teologia é dedicada a “recuperar” ou “repensar” nossa maneira de enxergar Deus e sua atuação no mundo. Por esse motivo ele sempre pontua que Deus se revela na realização humana<sup>15</sup> e nunca está contra a criatura, ao contrário, está a favor sempre.

Mas como lidar com um Deus que nos ama e com o problema do mal? Como crer em Deus diante das guerras e genocídios, com crimes e terrorismo, com fome e exploração, com dor, doença e morte?<sup>16</sup>

7 Id. Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus. Trad. José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 206. (Coleção Questões em Debate.)

8 ESTRADA, Juan Antonio. A impossível teodiceia. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 229. (Coleção Espaço Filosófico.)

9 QUEIRUGA, Andrés Torres. Recuperar a salvação. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1999. p. 94. (Coleção Teologia Hoje.)

10 Id. Creio em Deus Pai. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993. p. 130. (Coleção Teologia Hoje.)

11 Id., Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus, p. 212.

12 Id., Creio em Deus Pai, p. 137.

13 MOSER, Antonio. O pecado. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 39.

14 QUEIRUGA, Esperança apesar do mal, p. 139.

15 Uma obra magistral, sua tese de doutorado: A revelação de Deus na realização humana. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Teologia Sistemática.)

16 QUEIRUGA, Andrés Torres. Um Deus para hoje. 3. ed. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2006. p. 17. (Coleção Temas da Atualidade.)

Como a formulação é de difícil digestão, Torres Queiruga introduz um novo conceito dentro da problemática: a *pisteodiceia* (do grego *pistis*, fé). A *pisteodiceia* é uma nova postura de pensar a teodiceia (esta com suas credenciais teológicas e filosóficas). Já a fé é apenas um ato de crer em Deus apesar do mal. Isso envolve, naturalmente, a necessidade de entender a característica inevitável da criatura, a sua finitude: uma fé viva compreende por instinto que, se há mal no mundo, não é porque Deus o queira ou permitiu, senão porque não pode ser de outra maneira: em última instância, porque resulta inevitável.<sup>17</sup>

Agora não é mais uma questão de onipotência ou soberania, é uma questão de amor, este sim poderoso. Ter fé no amor de Deus. Essa nova perspectiva faz toda a diferença: crer que Deus cria por amor e que por isso toda a sua força está sendo aplicada em ajudar na luta contra o mal, contra tudo aquilo que fere, oprime e distorce. Deus está do lado da criatura e contra o mal.<sup>18</sup>

## **Em Jesus, Deus estava conosco e contra o mal**

Para Torres Queiruga, a maior prova de que Deus está ao lado da criatura e contra o mal se mostra em Jesus de Nazaré. Este sentiu na pele o mal e suas consequências, mas propriamente a cruz.

Com sua vida, Jesus surge na Galileia pregando aos que sofrem, socorrendo os feridos e consolando os pobres e marginalizados. A sua mensagem tinha como ponto fundamental uma nova imagem de Deus, o *Abbá*. Por conta disso, contrariou religiosos que detinham a mediação do Sagrado. Passou e experimentou a realidade do mal a ponto de ir parar na cruz pela mensagem do Reino de Deus.

É neste Jesus que Torres Queiruga vê Deus lutando contra o mal. Ele sofre conosco a existência inevitável do mal na cruz. Lá, Deus não planeja, muito menos permite, mas suporta a morte como algo inevitável por amor. Ele sofre com Jesus na cruz, mas também anuncia a vitória com sua ressurreição.<sup>19</sup>

## **A práxis da proposta**

Que Deus está conosco e contra o mal, e de modo evidente em Jesus, é uma assertiva que provoca esperança. Em Jesus Deus mostra que é possível vencer o mal, o mal não é definitivo.

A proposta de Torres Queiruga tem como consequência uma práxis histórica na sociedade. Uma postura que contrarie as estruturas sociais dominadas pela maldade, todas as formas de opressão e descaso para com o humano e suas condições de sobrevivência. Para Queiruga, tudo o que se oponha à plenitude humana, desde a falta de pão até a liberdade, desde a ausência de esperança até a escassez de moradia, desde o desconhecimento do Evangelho até a falta de trabalho, tudo deve ser combatido, porque está no lugar oposto de Deus.<sup>20</sup>

Torre Queiruga admitiu que uma práxis concreta, realista, que se doa a serviço da fé, é feita pela teologia da libertação exemplarmente.<sup>21</sup> Somente uma práxis que leve em consideração atos concretos de libertação pode vencer o mal.<sup>22</sup>

17 Id., Esperança apesar do mal, p. 137.

18 Id., Creio em Deus Pai, p. 137-138.

19 Id., Repensar a ressurreição. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares e Anoar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 226. (Coleção Repensar.)

20 Id., Creio em Deus Pai, p. 153.

21 Id., Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus, p.256.

22 Id., Creio em Deus Pai, p. 153.

## A contribuição da teologia da libertação

A sua metodologia é voltada para a práxis. Com um discurso que envolve política e fé, a teologia da libertação tem nessa dialética o combustível necessário para sustentar sua postura provocadora e libertadora no continente latino-americano. Com um vasto leque de abordagens, a teologia da libertação assume uma eclesiologia militante, uma postura política comprometida com os necessitados, uma prática que tem no Reino de Deus a sua dimensão mais originária, uma espiritualidade voltada para a libertação do ser humano todo. Com uma preocupação histórica com os pobres, a teologia da libertação busca dar fundamentos teórico-práticos para os cristãos do continente. Nesse cenário diversos teólogos têm seu devido destaque na sua respectiva abordagem teológica. Só para citar alguns que incomodaram pela maneira despretensiosa de abordagem, temos: Leonardo Boff, com uma eclesiologia comprometida com o leigo e seus dons;<sup>23</sup> Gustavo Gutiérrez, com sua temática libertadora;<sup>24</sup> Jon Sobrino, com a cristologia a partir das vítimas.<sup>25</sup>

### A questão do mal no cenário brasileiro

O imaginário religioso é mutável. Mas na mentalidade popular algumas *teodiceias* são comuns. Há uma forte presença de Deus na cultura brasileira. Os chavões são ouvidos diariamente: “vá com Deus”, ou, então, “Deus te abençoe”, quando não é “tudo bem? Graças a Deus”. É comum ouvir depoimentos de pessoas que sofreram um grave acidente de trânsito, em que algumas pessoas, infelizmente, perderam a vida, dizer: “Graças a Deus eu me salvei”. Um *milagre* é esperado para o que sofre no leito de um hospital, para quem está na mira de revólver, para aquele que não tem o que comer. Por outro lado há também as explicações de catástrofes, tragédias e desgraças atribuídas ao “consentimento” de Deus: “Deus sabe o que faz”.<sup>26</sup>

Para agravar ainda mais a situação, o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo tomam o mal como extremamente necessário para o discurso triunfalista. Os parceiros inseparáveis no universo neopentecostal são Deus e o Diabo.<sup>27</sup> O maligno<sup>28</sup> é interiorizado, e o exorcismo bem-sucedido é sinal de bênção de Deus na vida do fiel, bênção, aí, como sinônimo de bens materiais. O discurso passa a ser que alguns são escolhidos por Deus para viver sem problemas e sofrimentos. Aliás, o lema da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é: “Pare de sofrer”.

## Conclusão

Não se pretendeu em nenhum momento elaborar um tratado teológico sobre o tema, muito menos sobre a teologia prolixa de Andrés Torres Queiruga. A postura foi de apenas pontuar algumas sugestões do autor para ampliar mais um pouco a compreensão sobre o tema.

O problema é complexo e instigante. Com Torres Queiruga o mal é visto pela sua própria perspectiva. Nesse sentido, Deus deixa de ser o alvo das formulações

23 BOFF, Leonardo. Igreja, carisma e poder. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

24 GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da libertação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

25 SOBRINO, Jon. A fé em Jesus Cristo. Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção Teologia e Libertação.) Para uma análise da teologia do seguimento de Jon Sobrino, veja: GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e práxis pastoral; uma abordagem a partir da teologia de Jon Sobrino. Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura, ano III, n. 23 – <[www.ciberteologia.org.br](http://www.ciberteologia.org.br)>.

26 SUNG, Jung Mo. Deus; ilusão ou realidade? São Paulo: Ática, 1998. p. 19. (Série Discussão Aberta.)

27 MARIANO, Ricardo. Neopentecostais; sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999. p. 127.

28 Um texto atual sobre este tema: OLIVA, Alfredo dos Santos. A história do Diabo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

de defesa ou culpa, a própria existência finita torna inevitável o aparecimento do mal. Como Deus cria por amor, seria natural supor que ele está a favor do humano e contra o mal. A maior evidência é Jesus de Nazaré e a cruz. A resposta de Deus é dada com a ressurreição: é possível vencer.

Quando se adota uma postura teológica para explicitar o tema, a práxis não poderia ficar de fora. Os cristãos são convocados a lutar contra o mal por meio de atos concretos de libertação.

Num contexto brasileiro, onde o imaginário coletivo religioso, na sua grande maioria, é dominado por forças do bem e do mal, a proposta é cultivar uma nova maneira de relacionamento com Deus: acolhê-lo e auxiliá-lo, cultivar o agradecimento e a confiança em sua ajuda e em sua presença.<sup>29</sup>

## Bibliografia

- ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Espaço Filosófico.)
- GESCHÉ, Adolphe. *O mal*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Deus para Pensar, n. 1.)
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais; sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MOSER, Antonio. *O pecado*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. *Creio em Deus Pai*. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993. (Coleção Teologia Hoje.)
- \_\_\_\_\_. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. Trad. José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Questões em Debate.)
- \_\_\_\_\_. *Esperança apesar do mal*. Trad. Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção Algo a Dizer.)
- \_\_\_\_\_. *Fim do cristianismo pré-moderno*. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 2003. (Coleção Temas da Atualidade.)
- \_\_\_\_\_. *Recuperar a salvação*. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção Teologia Hoje.)
- \_\_\_\_\_. *Repensar a ressurreição*. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares e Anoar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Repensar.)
- \_\_\_\_\_. *Um Deus para hoje*. 3. ed. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Temas da Atualidade.)
- SUNG, Jung Mo. *Deus; ilusão ou realidade?* São Paulo: Ática, 1998. (Série Discussão Aberta.)

29 QUEIRUGA, Andrés Torres. *Fim do cristianismo pré-moderno*. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 2003. p. 41. (Coleção Temas da Atualidade.)